

Referências

Copyright © 2011 Editora IMEPH
Texto: Jussara Galhardo Aguirres Guerra

Todos os direitos reservados.

Editorial	<i>Lucinda Azevedo</i>
Pedagógico	<i>Amelia Albuquerque</i>
Administrativo	<i>Ana Thais Feitosa</i>
Revisão	<i>Gilceane Soares</i> <i>Jacqueline Rodrigues</i> <i>Júlia Fagundes</i> <i>Risoleide Rosas</i>
Foto da Capa	<i>Lenilton Lima</i>
Projeto Gráfico e Capa	<i>Ismael Maia</i>
Editoração	<i>Iolanda Cândido</i>

Dados Internacionais para Catalogação na Publicação (CIP)

G929i Guerra, Jussara Galhardo Aguirres.

Identidade indígena no Rio Grande do Norte: caminhos e des-caminhos dos Mendonça do Amarelão. / Jussara Galhardo Aguirres Guerra. - 1. ed. - Fortaleza : Editora IMEPH, 2011.

264 p. ; 16,0 x 22,0 cm

ISBN 978-85-7974-053-4

1. História dos povos indígenas. 2. Mendonça do Amarelão.

I. Título.

CDU 930.85



Rua Carlos Vasconcelos, 1926 - Aldeota
60115-171 - Fone: 85 3261.1002
Fortaleza - Ceará - Brasil
www.imeph.com.br - imeph@imeph.com.br

ALMEIDA, Horácio de. Brejo de Areia. [S.l.]: Ministério da Educação e Cultura; Serviço de Documentação, 1957.

ALVES FILHO, Ivan. Brasil, 500 anos em documentos: um livro de referência, didático para estudos e consultas sobre documentos que registram a história do Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

ANDRADE, Manuel Correia de. A produção do espaço norte-rio-grandense. 2. ed. Natal: Cooperativa Cultural, 1990.

ARAÚJO, Ana Valéria et al. Povos indígenas e a lei dos "brancos": o direito à diferença. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Contínua, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006. (Coleção Educação para Todos).

ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO (Portugal). Avulsos de Pernambuco. Lisboa, 1763. Cota antiga. RJ, Cx. 765, doc. 27.

ARRUTI, José Maurício Andion. A emergência dos "remanescentes": notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. Mana, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, out. 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 6 ago. 2003.

_____. De como a cultura se faz política e vice-versa: sobre religiões, festas, negritudes e indianidade no Nordeste contemporâneo. In: CICLO NAÇÃO E REGIÃO, 4., 2002, Rio de Janeiro. Brasil 500 anos: experiência e destino. FUNART/UERJ; UENF, 2002.

_____. A árvore Pankararu: fluxos e metáforas da emergência étnica no sertão do São Francisco. In: OLIVEIRA, João Pacheco de (Org.). A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena. Rio de Janeiro: Contra Capa; LACED, 2004. p. 231-279.

ARTICULAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO NORDESTE, MINAS GERAIS E ESPÍRITO SANTO. Força e resistência na construção de uma nova história. In: ASSEMBLEIA GERAL DA APOINME, 6., 2005, Baía da Traição. Documento final da VI Assembleia Geral da APOINME. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <ricardo.alvares@gmail.com.br> em 10 jun. 2005.

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DO AMARELÃO. Atas das Assembleias Comunitárias da Comunidade Mendonça do Amarelão. João Câmara, RN, 1994 a 2006.

_____. Carta encaminhada ao Procurador Geral da República da Comunidade Mendonça do Amarelão. João Câmara, 2006.

_____. Cartas encaminhadas às autoridades locais. João Câmara, 2006.

AUGÉ, Marc; AGHASSIAN, Michel; GRANDIN, Nicole. Os domínios do parentesco: filiação, aliança matrimonial, residência. Direção de Marc Augé. Lisboa: Edições 70, 1975.

AZANHA, Gilberto. A lei de terras de 1850 e as terras dos índios. 2001. Disponível em: <<http://www.trabalho.indigenista.org.br/docs/terra.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2006.

AZEVEDO, Marta. Programa Rio Negro: diferentes estimativas. São Paulo: Instituto Sócio-Ambiental, 2001. Disponível em: <<http://www.socio-ambiental.org>>. Acesso em: 10 dez. 2003.

BARRETO FILHO, Henyo Trindade. Invenção ou renascimento?: gênese de uma sociedade indígena contemporânea no Nordeste. In: OLIVEIRA, João Pacheco de (Org.). A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste Indígena. Rio de Janeiro: Contra Capa; LACED, 2004. p. 93-138.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIBI-FENART, Jocelyne. Teorias da etnicidade. São Paulo: UNESP, parte II, p. 185-227, 1998.

BRASIL. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Estado e Sociedade: promovendo a igualdade racial. Brasília, 2005a.

_____. Caderno de Emendas: subsídios para a discussão dos grupos temáticos. Brasília: [s.n.], 2005b.

CARTÓRIO DE REGISTROS DE IMÓVEIS DA COMARCA DE JOÃO CÂMARA. 1º Ofício de Notas. Livros de transcrições das transmissões. João Câmara, 1936. n. 3.

_____. Livros de transcrições das transmissões. João Câmara, 1961. n. 3-A.

_____. Livros de transcrições das transmissões. João Câmara, 1964. n. 3-B.

_____. Livros de transcrições das transmissões. João Câmara, 1976. n. 2-A.

_____. Livros de transcrições das transmissões. João Câmara, 1994. n. 2-M.

CASCUDO, Luís da Câmara. História de um homem. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1991. (Coleção Mossoroense, Série C, v. 644).

_____. História do Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional; MEC, [1955];1995.

CAVIGNAC, Julie. A etnicidade encoberta: 'Índios' e 'Negros' no Rio Grande do Norte. Mneme: Revista de Humanidades, Caicó, v. 4, n. 8, abr./set. 2003. Disponível em: <<http://www.seol.com.br/mneme>>. Acesso em: 15 nov. 2003.

CENTRO DE APOIO E ASSISTÊNCIA TÉCNICA AOS ASSENTAMENTOS E COMUNIDADES RURAIS E URBANAS DA REGIÃO DO MATO GRANDE, [informações técnicas], Rio Grande do Norte, 2006.

CONSELHO TUTELAR DE JOÃO CÂMARA [informações técnicas]. João Câmara, Rio Grande do Norte, 2007.

CLIFFORD, James. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

DAMATTA, Roberto. Relativizando: uma introdução a Antropologia Social – 3 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DANTAS, Beatriz; SAMPAIO, José Augusto L.; CARVALHO, Maria Rosário G. de. Os povos indígenas do Nordeste brasileiro. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). História dos índios no Brasil. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras; FAPESP, 1995. p. 431-456.

FACÓ, Rui. Cangaceiros e fanáticos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

FRY, Peter. A democracia racial infelizmente virou vilã. Disponível em: <http://www.ipr-uerj.net/olped/Acoesafirmativas/exibir_opiniao.asp?codnoticias=2710>. Acesso em: 12 jul. 2005.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deterioradora. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1963.

GUOUVEIA, Marielza Campozana. A Antropologia no Nordeste do Brasil. Top. Edue., Recife, v. 1, n. 3, p. 285-306, 1983.

GOW, Peter. "Ex-cocama": identidades em transformação na Amazônia peruana. Manu, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 1-23, abr. 2003.

GRUPO DE ESTUDOS DA QUESTÃO INDÍGENA NO RIO GRANDE DO NORTE. Atas das reuniões. Natal, RN, 2005.

_____. Atas das reuniões. Natal, RN, 2008.

GUERRA, Jussara Galhardo Aguirres. Os Mendonça do Amarelão: identidade, memória e história oral. Mneme: revista de Humanidades. Caicó, v. 4, n. 8, 2003. Disponível em: <<http://www.seol.com.br/mneme>>. Acesso em: 15 nov. 2003.

_____. A marcha indígena zapatista do EZLN. Natal: UFRN; João Pessoa: CEDIM, 2003. 1 DVD sonoro (16 min).

_____. Cunhaú e Uruaçu: uma história de massacres. Natal: UFRN, 1999. 1 DVD sonoro (25 min.).

GUTIÉRREZ, Felipe Castro. Antropología, historia y la re-creación del passado colonial mexicano. In: COLÓQUIO FRANCO-MEXICANO, México, 1996. p. 55-73.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo demográfico do Brasil: Características Gerais da População. Tabela 1.6 – População, Por Cor, Raça e Sexo, Segundo as Mesorregiões, as Microrregiões e os Municípios. Natal, 1991.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo demográfico do Brasil: características gerais da população. Tabela 2.2.1 – Residente por cor ou raça, segundo regiões metropolitanas e os municípios do RN. Natal, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Informações técnicas do IBGE. Natal, 2006.

INSTITUTO DO DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE – IDEMA. Perfil do Município de João Câmara, Rio Grande do Norte, 2005.

LEACH, Edmund R. Las categorías Shan y Kachin y sus subdivisiones. In: _____. Sistemas políticos de la Birmânia: estudio sobre la estructura social Kachin. Barcelona: Anagrama, cap. III, p. 51-84, 1976.

LÉVI-STRAUSS, Claude. As estruturas elementares do parentesco. Petrópolis: Vozes, 1982.

LIMA, José Fernandes. A lealdade do índio potiguar Pedro Poty. João Pessoa: [s.n.], 1984.

LIMA, Nestor. Municípios do Rio Grande do Norte: Baixa Verde, Caicó, Canguaretama e Caraúbas. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Natal, v. 27-28, p. 20-21, 1990. (Coleção Mossoroense, Série C, v. 596). Edição fac-similar.

LOPES, Fátima Martins. Índios, colonos e missionários na colonização da capitania do Rio Grande do Norte. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado; Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 2003.

_____. Em nome da liberdade: vilas de índios no Rio Grande do Norte sob o diretório pomonalino no século XVIII. 2005. 730 f. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

- LYRA, A. Tavares. História do Rio Grande do Norte. Natal: Gráfica, 1998.
- MARCUS, George. Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial. *Revista de Antropologia*, São Paulo, n. 34, p. 197-221, 1991.
- MARIZ, Marlene; PORTO ALEGRE, Maria Sylvia; DANTAS, Beatriz Góes. Documentos para a história indígena do Nordeste. São Paulo: NHII-USP/FAPESP, 1994.
- MARIZ, Marlene; SUASSUNA, Luís Eduardo B. História do Rio Grande do Norte. Natal: Sebo Vermelho, 2002.
- MELHÉIROS FILHO, Olavo de. Índios do Açu e Seridó. Brasília: Senado Federal, 1984.
- . Os Tarairius, extintos tapuias do Nordeste. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Natal, v. 358, p. 57-72, 1988.
- . Aconteceu na capitania do Rio Grande do Norte. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 1997.
- . Os holandeses na capitania do Rio Grande. Natal: IHGRN, 1998.
- MELHÉIROS, Tarcísio. Aspectos geopolíticos e antropológicos da História do Rio Grande do Norte. Natal: Imprensa Universitária, 1973.
- MONTEIRO, John M. Tapuias, brasileiros e taiputingas. *Temas Brasileiros: Brasil Holandês*, São Paulo, n. 6, p. 80-85, [2007].
- . O escravo índio, esse desconhecido. In: GRUPIONI, Luís Donisete (Org.). *Índios no Brasil*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1994. p. 105-120.
- OLIVEIRA, João Pacheco de. Entrando e saindo da “mistura”: os índios nos censos macromônus. In: _____. *Ensaios em Antropologia Histórica*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.
- . Uma etnologia dos “índios misturados”? : situação colonial, territorialização e fluxos culturais. In: _____. (Org.). A viagem da volta: etnicidade política e reelaboração cultural do Nordeste indígena. 2. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa; LACED, 2004a. p. 13-42.
- _____. (Org.). A viagem da volta: etnicidade política e reelaboração cultural do Nordeste indígena. 2. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa; LACED, 2004b.
- ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. Convenção 169. Brasília, 1989. Disponível em: <<http://www.socio-ambiental.org/pib/portugues/direito/conv169.shtml>>. Acesso em: 29 maio 2005.
- PAIVA E SOUZA, Vânia Rocha Fialho de. As fronteiras do ser Xucuru: estratégias e conflitos de um grupo indígena no Nordeste. 1998; 187 fls. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1998.
- PINHEIRO, Joceny D. Identificação e articulação indígena no Ceará. In: ENCONTRO DE ETNOLOGIA, 1., 2006, Fortaleza. Anais... Fortaleza: UECE, 2006. No prelo.
- PINTO, Estevão. Indígenas do Nordeste. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1935.
- PIRES, Maria Idalina. Guerra dos bárbaros: resistência indígena e conflitos no Nordeste colonial. Recife: FUNDARPE, 1990.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- _____. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. Rompendo o silêncio: por uma revisão do “desaparecimento” dos povos indígenas. *GTHNOS: Revista Brasileira de Etnohistória*, Recife, ano 2, n. 2, 1998.
- POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. Teorias da etnicidade. São Paulo: UNESP, 1998.
- PUNTOMI, Pedro. A Guerra dos Bárbaros: povos indígenas e a colonização do sertão do Nordeste do Brasil, 1650-1720. São Paulo: Hucitec, 2002.

RAJCLIFFE-BROWN, A. R. Estrutura e função na sociedade primitiva. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Petrópolis: Vozes, 1973.

RIBEIRO, Berta G. O índio na história do Brasil: história popular. 7. ed. São Paulo: Global, 1993.

RIO GRANDE DO NORTE. Governo do Estado. Plano Estadual da Política de Promoção da Igualdade Étnico-Racial. Natal, 2007.

RODRIGUEZ, Janete Lins. Atlas escolar da Paraíba. 3. ed. João Pessoa: Grafnet, 2002.

SAILLINS, Marshall. Ilhas de história. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

_____. O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura indíio é um objeto em via de extinção? Mana, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 41-73, 1997. Partes 1-2.

SAMPAIO, Teodoro. O tupi na geografia nacional. 5. ed. São Paulo: Nacional; Brasília: INN, 1987. (Coleção Brasiliense, v. 380).

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. Revista Brasileira Histórica, São Paulo, v. 23, n. 46, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/rbh>>. Acesso: 18 nov. 2004.

SANTOS, Paulo Pereira dos. Um homem admirável: João Severiano da Câmara: o empresário e político. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 1997.

_____. Baixa-Verde: retalhos de sua história. Natal: Clima, 1990a.

_____. Elementos básicos da economia rural. Natal: Nossa Editora, 1990b.

_____. Evolução econômica do Rio Grande do Norte (séc. XVI ao XX). Natal: Clima, 1994.

SILVA, Manoel Luiz. Bananeiras: apanhados históricos. João Pessoa: Sal da Terra, 2007.

SILVA, Paulo Luís da. Bananeiras: sua história, seus valores. João Pessoa: [s.n], 1997.

SILVA, Aracy Lopes da; Grupioni, Luis Donisete. A temática indígena na escola: subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília: MEC, 1995.

SUTTER, Frederic Koeler. The Samoans: a global family. Honolulu: University of Hawaii, 1989.

TAUNAY, Afonso E. A Guerra dos Bárbaros. 2. ed. Mossoró: Vingt-un Rosado, 1995. (Coleção Mossoroense, v. 863, n. 29).

TORQUATO, Aldo. Baixa-Verde: fatos, causos e coisas. Natal: Sebo Vermelho, 2004.

TURNER, Terence. Anthropology and the politics of indigenous peoples struggles. Cambridge Anthropology, n. 1, p. 1-43, 1979.

TURNER, Terence. The politics of culture. In: SPOONER (Ed.). Conservation and survival. Oxford: Oxford University Press, 1987.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Departamento de Ciências Sociais. Projeto do Curso de Mestrado em Antropologia Social, Natal, 1979.

_____. Histórico do Museu Câmara Cascudo. Natal: Museu Câmara Cascudo, [1975].

_____. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social: linhas de pesquisa. Natal: Departamento de Antropologia, 2006. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/ppgas>>. Acesso em: 15 nov. 2006.

_____. Raízes indígenas. Natal, 1983. 1 folder.

WEBER, Max. Relações comunitárias étnicas. In: _____. Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. 3. ed. Brasília: [s.n], 1994. v. 1, cap. 4, p. 267-277.

Apêndices “Causos” do Amarelão

APÊNDICE A O lobisomem do Amarelão

Conta-se no Amarelão que certo homem “virava lobisomem”.

Em uma noite de lua, um velho caminhava pela mata quando viu o monstro. Ele se defendeu, furando-lhe com uma faca no peito. Depois, esperou que o sangue jorrasse, enquanto o desencanto se desfazia. E, assim, descobriu quem era, de fato, o lobisomem que, por sua vez, ameaçou seu adversário de morte caso ele contasse aos outros aquilo que vira. O homem não se intimidou e afirmou que iria contar a todos sobre o que testemunhara. E assim o encanto se quebrou e o homem não se transformou mais em lobisomem. “Dizem que o tal lobisomem era o pai do homem que tirou a vida de Titinho [ex-líder comunitário do Amarelão]”, afirma o narrador*.

Percebe-se que “a memória se organiza em função das preocupações pessoais e políticas e tanto pode ser consciente como inconsciente, tanto individual como coletiva” (POLLAK, 1992, p. 3). O que pode ocorrer, nesse caso específico, é uma projeção característica, considerando o fato de o assassinato de Titinho, líder comunitário, ter marcado profundamente a história do grupo.

De alguma maneira, ocorre uma “transferência” da figura simbólica do “lobisomem” para se incorporar na figura paterna do autor do crime. Isso se deve ao fato de que há o desejo de punição, de condenação da memória do criminoso, acusando seu “sangue ruim”.

Será esta uma forma de penalidade através de uma “justiça popular”, visto que a justiça criminal concedeu uma soltura precoce a aquele homem que, de certa forma, apavora a comunidade com sua presença?

APÊNDICE B A briga do “rabo de porco”*

Conta-se no Amarelão que no Alto dos Eleodório, há mais de 40 anos, os Mendonça resolveram romper aleluia assando um porco na lareira, para que todos dele se servissem. Estavam bem animados até que um imprevisto aconteceu. Um desentendimento começou por causa de um irmão ciumento que ordenou à sua irmã, que estava acompanhada do namorado, para que entrasse em casa, caso contrário ele cortaria suas orelhas. O namorado aborreceu-se com o que ouvira e resolveu defender a namorada e enfrentar o irmão dela, dando início a uma tremenda briga. E aí começou toda a confusão, pois, como os Mendonça são muito unidos, cada um que estava na festa resolveu defender o parente, o que deu origem a um verdadeiro campo de batalha.

Resultado final: dezenas de pessoas foram internadas no hospital de João Câmara, sem, todavia, terem ocorrido casos de morte. Algumas semanas depois, todos estavam novamente em paz.

Mas como o episódio passou a ser conhecido como a briga do “rabo de porco?” Certamente, porque nem o porco escapou da confusão, restando-lhe apenas o rabo.

APÊNDICE C Dona Fulozinha: a protetora dos bichos do mato

“Antigamente os mais velhos se reuniam em torno de uma fogueira para conversar, mas agora a televisão acabou com tudo”, afirmou o narrador* inconformadamente.

Ele lembra: “Meu pai falava que Dona Fulozinha dava nos cachorros com cordas de cipó. Ela protege os animais. Certo dia, numa caça, meu pai viu uns cachorros latindo e olhando pra cima. Nada havia ali para que eles ficassem daquele jeito. Era a Dona Fulozinha que estava por perto. Tem que colocar o fumo pra ela [oferecer], porque se não ela não deixa caçar nada”.

A alusão a esse ser encantado é comum nas comunidades rurais, no Rio Grande do Norte, sobretudo nas comunidades dos Eleotério (Catu); Caboclos (Açu) e Banguê (Lagoa do Piató – Açu), além das Mendonça do Amarelão (João Câmara).

APÊNDICE D A lenda do “Buraco Seco”*

Havia antes um antigo olho d’água que jorrava, no qual todos iam se fartar. O lugar era numa fazenda distante, em alguns quilômetros do Amarelão. O dono do lugar, então, resolveu não permitir mais “a farra da água” e proibiu as pessoas de irem até lá novamente. Foi quando mataram um porco (talvez os restos mortais da “briga do rabo do porco”?) e meteram sua cabeça dentro do olho d’água. Dessa forma, a água cessou de jorrar e o lugar secou, dando o nome Buraco Seco.

Terá sido o empresário e fazendeiro João Câmara que havia proibido as visitas do povo à sua fazenda? Sabe-se que, em Buraco Seco, o referido empresário desenvolvera a pecuária, conforme a oralidade aponta, e que, além disso, ele não era um homem muito popular...

APÊNDICE E O nome que abalou as estruturas

Conhecida inicialmente como Matas, a região a ser enfocada passou a ser considerada cidade a partir de 1928, com o nome de Baixa-Verde. Em 1953, foi aprovada pela Assembleia Legislativa a mudança de nome para João Câmara, sem que houvesse consulta da

opinião pública local. Era época dos coronéis e de seu poder dominador na região e não valeria de nada o julgamento do povo.

No entanto, “o nome Baixa-Verde esteve sempre nos corações das pessoas do lugar, inclusive para os Mendonça”**. Alguns pontos comerciais e até a rádio local preserva o nome antigo. Houve um plebiscito, anos atrás (após a promulgação da nova Carta Magna), e o povo elegeu a volta do antigo nome de Baixa-Verde, mas de nada adiantou, porque meia dúzia de políticos locais não respeitou a iniciativa popular. Monsenhor Lucena, pároco local, afirma: “Onde se lê João Câmara, pensa-se Baixa-Verde”. Há até quem diga que os abalos sísmicos que aconteceriam, a partir da década de 1950 e que tiveram seu ápice nos anos 1980, “foi castigo por causa da mudança do nome...”

* O narrador dos apêndices A, B, C e D é o Sr. Francisco da Silva (Nego Chico, falecido em 2010). O Apêndice E foi narrado por Mons. Lucena, pároco de João Câmara /RN. As histórias narradas foram gravadas e transcritas pela autora em 2006.

Anexos

ANEXO A

Tabela do Censo do século XIX Rio Grande do Norte

POPULAÇÃO INDÍGENA					
FONTES	ANO	LOCALIDADES	QUANT. MASC	QUANT. FEM	QUANT. TOTAL
Mapa da População da Capitania	1805	São José, Arês, Vila Flor, Portalegre e Natal	2.514	2.526	5.040
Secretaria do Governo em Natal	1835	Sem dados	3.403	3.487	6.890
Relatório Presidencial	1839	Estremoz, São José, Vila Flor e Goianinha	Sem dados	Sem dados	1.740
Arrojamento do Chefe de Polícia	1844	Sem dados	Sem dados	Sem dados	6.795
—	*1850	—	—	—	—

*Segundo o mesmo autor, a partir desse período, as informações vão se referir aos "mestiços".
Fonte: CASCUDO (1955); 1995

ANEXO B
Tabela do Censo do século XIX e XX
Rio Grande do Norte

POPULAÇÃO PRESENTE NAS DATAS DO RECENSEAMENTO				
CLASSIFICAÇÃO	Números absolutos	% sobre o total		
	1 872	1 890	1 872	1 890
TOTAL	233.979	268.273		
Brancos	102.465	118.370	43,79	44,12
Pretos	30.031	24.084	12,83	8,98
Amarelos	-	-	-	-
Pardos	101.483	125.819	43,38	46,90
Sem declaração	-	-	-	-

Fonte: MEDEIROS, 1973.

ANO DE 1900

Segundo a cor – Nada foi consignado

ANO DE 1920

Segundo a cor – Nada foi declarado

Segundo a religião nada foi considerado

ANO DE 1940

Segundo a cor

Brancos	33.952
Pretos	102.790
Amarelos	101
Pardos	330.870
S/ declaração	305
Total	768.018

ANO DE 1950	
Segundo a cor	
Brancos	472.146
Pretos	91.581
Amarelos	16
Pardos	402.471
S/ declaração	1.707
Total	967.921

Dados oficiais do IBGE feitos pelos recenseamentos efetuados em 1900 – 1920 – 1940 e 1950.
 Fonte: MEDEIROS, 1973.

ANEXO C

Tabela do Censo de 1991 RN*

MESORREGIÕES, MICRORREGIÕES E MUNICÍPIOS	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	MICROREGIÕES			Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
							INDÍGENA	COR OU RACA	SEM DECLARAÇÃO						
Acre	120.921	62.310	58.611	16	3	13	354	222	132	132	65	67	132	65	67
Angicos	38.339	19.676	18.663	10	-	10	217	80	137	137	70	67	137	70	67
Baixa Verde	35.786	18.218	17.568	5	5	-	60	26	34	34	20	20	34	20	20
Litoral Nordeste	47.108	24.570	22.538	5	-	5	158	87	71	71	38	38	71	38	38
Litoral Sul	71.754	37.203	34.551	40	15	25	153	67	86	86	38	38	86	38	38
Macau	135.673	68.876	66.797	19	5	14	314	194	120	120	70	70	120	70	70
Médio Oeste	23.881	12.372	11.509	12	12	-	113	53	60	60	28	28	60	28	28
Mossoró	157.847	78.767	79.080	24	5	19	373	172	201	201	95	95	201	95	95
Natal	392.879	188.934	203.925	157	71	86	1.146	578	568	568	250	250	568	250	250
Pau dos Ferros	53.416	27.168	26.248	22	16	6	204	105	99	99	45	45	99	45	45
Seridó Ocidental	35.265	17.719	17.546	31	14	17	51	7	44	44	15	15	44	15	15
Umarizal	33.558	17.019	16.539	51	33	18	103	53	50	50	25	25	50	25	25
Vale do Açu	77.221	39.317	37.904	2	-	2	201	86	115	115	45	45	115	45	45

ANEXO C -continuação

	MUNICÍPIOS																						
	Alexandria	Angicos	Antônio Martins	Atés	Augusto Severo	Baía Formosa	Baraúna	Caicó	Canguaretama	Espírito Santo	Jandaíra	Jucururu	Macau	Martins	Mossoró	Natal	Pedra Grande	Santo Antônio	São José do Mipibu	São Pedro	Severiano Melo	Várzea	Resultado Total
Alexandria	9.497	4.675	4.822	16	16	-	6	20	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Angicos	10.872	5.499	5.373	10	-	-	10	13	7	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6	6
Antônio Martins	2.381	1.138	1.243	48	30	18	21	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Atés	9.066	4.716	4.350	6	-	6	49	17	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Augusto Severo	7.944	4.027	3.917	12	12	-	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Baía Formosa	4.251	2.231	2.020	16	3	13	25	19	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Baraúna	11.416	5.981	5.435	5	5	-	17	13	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Caicó	22.042	10.980	11.062	31	14	17	37	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Canguaretama	16.806	8.697	8.109	12	12	-	52	13	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Espírito Santo	5.959	3.171	2.788	6	-	6	9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Jandaíra	3.834	2.029	1.805	5	5	-	3	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Jucururu	8.330	4.391	3.939	2	-	2	6	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Macau	31.425	15.982	15.443	16	5	11	75	51	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Martins	5.854	2.950	2.904	3	3	-	14	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Mossoró	118.997	58.854	60.143	19	-	19	348	151	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Natal	342.763	163.658	179.105	157	71	86	793	398	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pedra Grande	2.783	1.482	1.301	5	-	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Santo Antônio	13.650	6.780	6.870	8	-	8	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
São José do Mipibu	20.212	10.354	9.858	3	-	3	12	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
São Pedro	5.287	2.727	2.560	2	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Severiano Melo	7.274	3.767	3.507	6	-	6	23	17	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Várzea	6.181	3.183	2.998	6	3	3	18	9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Resultado Total				394	179	215																	

* Tabela 1.6 - População, por cor, raça e sexo, segundo as microrregiões, as mesorregiões e os municípios (IBGE, 1991).

* Tabela 1.6 - População, por cor, raça e sexo, segundo as mesorregiões, as microrregiões e os municípios (IBGE, 1991).

ANEXO D**Tabela do Censo do ano 2000
Rio Grande do Norte****POPULAÇÃO RESIDENTE, POR COR OU RAÇA, SEGUNDO AS
REGIÕES METROPOLITANAS E OS MUNICÍPIOS – RIO GRANDE
DO NORTE**

Regiões Metropolitanas e Municípios	População residente cor ou raça
	Indígena
Total	3.168
Regiões Metropolitanas	
Natal	1.757
Municípios	
Acará	19
Açu	9
Baía Formosa	9
Brejinho	4
Caicó	39
Campo Redondo	7
Canguaretama	8
Carmoúba dos Dantas	6
Carmóbas	5
Centro-Mirim	18
Cerro Corá	3
Coronel João Pessoa	5
Currais Novos	17
Eduardo	3

Espírito Santo	6
Estremoz	32
Frutuoso Gomes	10
Galinhos	39
Goianinha	14
Governador Dix-Sept Rosado	4
Grossó	10
Guamaré	4
Ipueira	8
Jaçanã	3
Lagoa Salgada	5
Luis Gomes	8
Macau	105
Montanhas	10
Monte Alegre	9
Mossoró	195
Natal	1.273
Nísia Floresta	604
Nova Cruz	10
Olho d'Água dos Borges	35
Parnamirim	253
Passagem	8
Pedro Velho	15
Poço Branco	6
Portalegre	10
Porto do Mangue	6
Riachuelo	5
Ruy Barbosa	5
Santo Antônio	18

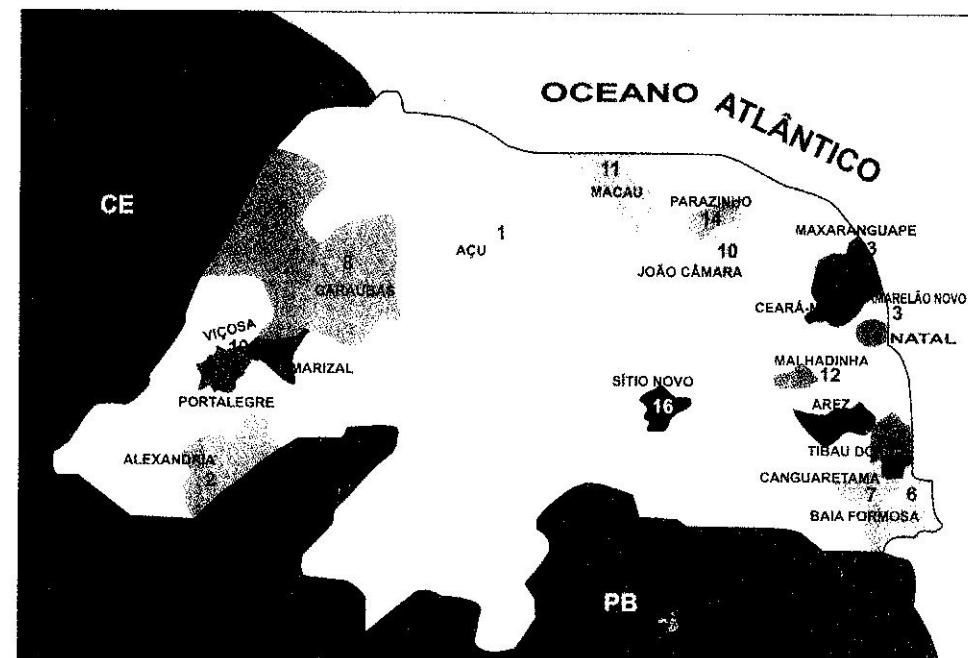
Mato Pento do Norte	3
Mato Francisco do Oeste	7
Mato Ongoló do Amarante	182
Mato José do Mipibu	6
Mato Paulo do Potengi	5
Mato do Mel	5
Maveriano Melo	68
Tibau	15
Tibau do Sul	4
Umarizal	6
Upanema	4

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000 – Tabela 2.2.1 – Residente por cor ou raça, segundo regiões metropolitanas e os municípios do RN.

No levantamento registraram-se as localidades onde houve autoidentificação indígena (IBGE, 2000).

ANEXO E Setores localizados no RN

COMUNIDADES QUE ANUNCIAM ORIGEM E MEMÓRIA INDÍGENAS



LEGENDA:

1. Açu - Lagoa do Piató - Comunidade de Banguê*
Comunidade dos Caboclos*
Comunidade de Trapá
2. Alexandria - Comunidade Serra João do Vale
3. Amarelinho Novo
4. Apodi - Caboclo de "Bico Torto"
5. Arêz - Pantané
6. Baía Formosa - Potiguará (Indígenas da PB)
7. Canguaretama - Catu de Cima - Comunidade dos Electório*
8. Caraúbas - Caboclos da Cachoeira e da Caatinga
Mirandas Leandro Bezerra
9. Ceará-Mirim - Rio dos Índios - Morrinhos
10. João Câmara comunidade dos Mendonça do Amarelinho*
11. Macau - Porto de Carão
12. Malhadinha - localidade entre Arêz e Goianinha
13. Maxaranguape - Grupo Potiguara migrantes da Paraíba
14. Parazinho - Caboclo da Passagem
15. Portalegre - cidade
16. Sítio Novo - Serra da Tapula
17. Tibau do Sul - Cabaceiras
18. Umarizal - Jatobá - Com. de Umarizal
19. Viçosa - "Cansanção" - Cemitério Indígena
Comunidade dos Caboclos das Zabelaias

* Grupos que reivindicam o reconhecimento como indígena
Obs: Os dados aqui colhidos ainda estão em processo de sistematização

Elaboração: Jussara Galhardo
Informações: locais (nas comunidades) e
Fundação José Augusto
Ano: 2005

ANEXO F

Migrações das famílias dos Mendonça e dos Batista

